

VICTOR HERINGER

O amor dos homens avulsos



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Victor Heringer

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Mateus Valadares

Foto de capa

CSA Plastock/ Getty Images

Preparação

Ana Lima Cecilio

Revisão

Isabel Jorge Cury

Carmen T. S. Costa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Heringer, Victor

O amor dos homens avulsos / Victor Heringer. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2771-9

1. Ficção brasileira I. Título.

16-04844

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

1

No começo, nosso planeta era quente, amarelento e tinha cheiro de cerveja podre. O chão era sujo de uma lama fervente e pegajosa.

Os subúrbios do Rio de Janeiro foram a primeira coisa a aparecer no mundo, antes mesmo dos vulcões e dos cachalotes, antes de Portugal invadir, antes de o Getúlio Vargas mandar construir casas populares. O bairro do Queím, onde nasci e cresci, é um deles. Aconchegado entre o Engenho Novo e Andaraí, foi feito daquela argila primordial, que se aglutinou em diversos formatos: cães soltos, moscas e morros, uma estação de trem, amendoeiras e barracos e sobrados, botecos e arsenais de guerra, armarinhos e bancas de jogo do bicho e um terreno enorme reservado para o cemitério. Mas tudo ainda estava vazio: faltava gente.

Não demorou. As ruas juntaram tanta poeira que o homem não teve escolha a não ser passar a existir, para varrê-las. À tardi-

nha, sentar na varanda das casas e reclamar da pobreza, falar mal dos outros e olhar para as calçadas encardidas de sol, os ônibus da volta do trabalho sujando tudo de novo.

2

Li em um dos meus livros de escola que, perto das zonas mais quentes do mundo, existiu um povo que detestava o sol. Os homens gritavam insultos à aurora cinco vezes por dia e, quando anoitecia, rezavam alegres. As mulheres, assim que viam os primeiros raios, cobriam a cabeça e os olhos com um tecido cru, como faziam quando enterravam seus mortos, e só se descobriam no crepúsculo. Por causa do sol, essa gente era preta e seu continente era a África.

Eu, apesar de muito branco quase verde, sou filho desse povo. Desde criança odeio o sol, mas passei a vida sendo lambido por ele, como um filhote. Acabei por tolerar sua presença, em alguns momentos cheguei a acreditar que o amava, mas não: odeio o sol. Murmuro xingamentos a ele cinco vezes por dia.

Nas férias de 1976, eu tinha uns treze anos de idade. O verão nem tinha começado de verdade e minha pele descascava pela terceira vez. Os braços e ombros, inflamados de minúsculas bolhas, logo estourariam em lascas de tecido morto. O nariz ganhava nova demão de queimado. A cabeça torrada não me deixava pentear os cabelos. As costas não me deixavam dormir. Já era quase meio-dia.

Estávamos desde a manhã na piscina. Joana, minha irmã mais nova, mergulhava, boiava e ria sem a parte de cima do biquíni, apesar dos mamilos já estufados. Eu não sabia nadar, tinha que ficar sentado na borda, com os pés na água e as coxas no granito quente, observando o sol mordiscar as sombras do chão

aos pouquinhos. Sentada na varanda do segundo andar, Maria Aína olhava por nós enquanto Paulina, a empregada, cuidava do almoço ou da poeira.

Segundo meus cálculos de moleque, Maria Aína devia ter uns 279 anos de idade. Era uma nossa vizinha que vinha cuidar da gente quando mamãe pedia. (Não sei se recebia dinheiro.) Tinha nascido aqui mesmo no Queím, aqui morreu e aqui viveu, num barraco que existia desde que o bairro era uma fazenda. Nunca saiu do Rio — o lugar mais distante que visitou em toda a vida foi a Jurema, onde moram as almas dos índios.

Respirava em longos assobios de bicho idoso e tinha visto todo mundo que era vivo nascer, até papai. Magrela, filha de escravos, falava na língua dos tataravôs quando não queria que a entendessem. Olhava para fruta verde e ela madurava. Fazia doce de abóbora no dia de Cosme e Damião, trazia para nós ainda morno. Nunca me esqueci do gosto, a casquinha quebrava crocante e, dentro, o creme arenoso, polpudo. Éramos os primeiros a comer, depois dos erês: ela deixava uma tigela cheia no meio do mato para eles. Os doces murchavam e sumiam. É assim que espíritos se alimentam.

Maria Aína gostava de mim porque eu tinha nascido igual a ela, com o cordão umbilical enrolado no pescoço. Anos mais tarde, dias antes de morrer, ela me disse que “Sempre quem nasce assim é porque vai ficar na beira da ameaça, ossí Camilo”.

3

Joana veio até a borda e jogou água nas minhas coxas para aliviar as queimaduras. Saiu da piscina e me protegeu com um guarda-sol. Lembro bem a cara que ela fazia quando cuidava de mim: um sorriso apertado, tímido pela falta de uns dentes, as

sobrancelhas em forma de solenidade triste, porque eu não conseguia andar tão bem quanto ela. Tenho a perna fraca. Monoparesia do membro inferior esquerdo. Aleijado, mas não muito. Aos cinco, já mancava; aos oito, de muletas.

Nas férias, eu escondia as muletas e usava um cajado de pau de goiabeira quase da minha altura, recurvo na ponta. Assim me sentia selvagem, andarilho ou xamã, garoto comum. (Na maior parte do tempo, eu precisava me agarrar com as duas mãos.) Esse mesmo pedaço de pau hoje me serve de bengala, envelheci apoiado nele. Pertenceu a algum parente de Maria Aína, foi ela que me deu. Não sei quem fabricou, mas é um dos objetos que mais amo. Quando estou ternurento, chego a sentir alma em tudo o que é feito da mesma madeira.

Sou incapaz de comer goiabas.

Joana pulou de volta na água. Nadou sem vontade por uns momentos e veio de novo até mim. Sorriu, mostrando os denticinhos.

Eu entendia aquele sorriso. Ela queria me contar algo. Minha irmã morria de vergonha da boca banguela, mas sorria quando queria revelar ou conhecer segredos. Sorria para mostrar que sua boca também era livre de mistério, que sua língua não faria mal a ninguém. Era uma menina aberta. (Quando mamãe morreu, no começo dos anos zero-zero, Joana sorriu escancaradamente, depois me deu a notícia.)

“Mamãe não regou as plantas, hoje de novo ela não regou”, disse, e fez cara de detetive. Para provar, saiu da piscina, saltitou na direção do jardimzinho e voltou com folhas de samambaia. Belisquei uma delas, que descascou na minha mão. O sol havia esturricado o jardim de mamãe. Não devia regá-lo há semanas.

Joana me perguntou algo com as sobrancelhas. Respondi com boca de peixe. Ela suspirou imitando os adultos, mãos na

cintura, olhinhos revirados. Sabia muito mais que eu e, mesmo assim, não sabia nada.

Eu só tinha um medo: se as plantas começassem a secar, logo ficariam amarelas. Se ficassem amarelas, o outono tinha chegado antes do tempo e o verão acabaria. Sem verão, não havia férias de verão. Teríamos que voltar para a escola.

Nós nem imaginávamos a crise que perturbava há meses o casamento dos pais. Nem sabíamos quem governava o país. Vivíamos sob a esquisita ditadura da infância: víamos sem enxergar, ouvíamos sem entender, falávamos e não éramos levados a sério. Mas fomos felizes durante o regime. O tecido de nossas vidinhas era escuro e nos escondia completamente, burca sem olhos.

O primeiro rasgão se deu naquele dia. O barulho do carro de papai chegou até nós. A luz invadiria nosso esconderijo. Rom-rorrum, lá vinha o Corcel virando a esquina. Parou na frente do portão e rugiu de novo, vru-vruóm, exigindo entrada. Ninguém foi abrir para ele. Mamãe apareceu na varanda, trocou umas palavras pequenas com Maria Aína, fez que ia ficar, mas voltou para dentro. Papai, que subia o portão de ferro, não a viu. Estacionou em frente à piscina, buzinou e o sol acertou em cheio a lataria amarelo-fleuma do Corcel, bem nos nossos olhos. ˘˘˘

4

Maria Aína se levantou aos pedaços, o esqueleto descadeirado e molenga, e ficou olhando de cima. Joana trouxe meu cajado e me ajudou a ficar de pé, o sorriso sem dentes querendo saber o que papai nos daria de presente, porque ele sempre voltava de viagem com presentes. Saiu do carro, bateu a porta, bufou

ajeitando as calças. Calor. O Corcel ronronava desligado, asmático, antes de dormir realmente. Minha irmã deu um gritinho e se enrolou correndo na toalha.

Só então eu vi a cabeça dele emoldurada pela janela traseira. A cabeça raspada de um garoto tão garoto quanto eu.

Mas eu tinha cabeleira e não era daquela cor café com leite. Eu era vermelho no verão e, no inverno, branco-esverdeado. A cabeça dele devia ter essa cor misturada sempre, cor de nada com leite agüado. Parecia ser forte, eu era mais magro, mais quebrável, capenga. Mas os olhos dele é que eram frágeis, como pescoço de passarinho, de filhote que se descobre preso em ratoeira.

Meu instinto inicial foi odiá-lo. Queria furar seus olhos, fazê-lo desaparecer da face do planeta. Sei lá por quê. O ódio não tem razão nem propósito. O amor tem propósito, mas o ódio não. O amor serve para a perpetuação da espécie humana, protege da esterilidade e das solidões mais fatais. O ódio é maior, tem mais tentáculos e fala com mais bocas do que o amor. O amor é uma função fisiológica, o ódio é uma fome sublime e furiosa. É o motivo pelo qual somos a espécie dominante do planeta. O ódio é a perpetração da espécie.

Odiei a voz de papai dizendo “Pode vir, vem”, e odiei a demora do menino em se esgueirar pela porta entreaberta do carro, e odiei o nome dele — “O nome dele é Cosme”, papai disse —, e odiei a camisa azul-bebê que ele estava usando (comprada por papai, certeza), e sua corrida desajeitada até as asas do *meu* pai, que o aninhou com aquela mãozada que tinha. Odiei com ódio ancestral, num idioma que só a Maria Aína devia conhecer e que eu nunca decifrei.

De toalha enrolada na altura dos despitinhos nus, minha irmã foi toda ativa até o garoto, olhou no meio da fuça dele e deu um oi desconfiado. Ele oisou de volta, o queixo colado no

peito, e eu odiei a voz assustadiça dele. Ela falou que se chamava Joana e ofereceu a mão. Ele aceitou, inclinando-se todo cavalheiroso. Papai rarrarriu dos adultinhos e olhou para mim, ainda com lágrima de riso no olho. Aí me dei conta de que eu estava só de sunga, vulnerável quase nu — apoiado na muleta de pau de goiabeira como um lêmure horrendo.

Devo ter sentido vergonha, porque imaginei ouvir a voz de mamãe. Lá de dentro, mamãe gritava meu nome. Um grito rotineiro, como se ela quisesse me fazer experimentar um pijama novo ou tomar xarope de cereja, que era gostoso e eu bebia sem birra. Mesmo imaginário, o chamamento dela era ímã irresistível, muito mais poderoso do que o terror que sentia da voz de papai, que era grande, maior que um quarteirão. Eu tinha que ir. Pedi licença, sem olhar para o novo Cosme, e manquei na direção da casa grande. Papai não tentou me impedir. Filho homem é da mãe.

“Avisa pra ela que a gente chegou.”

Eu me virei para eles e fiz uma viseira com a mão, para proteger os olhos do sol maldito. Aí perguntei se aquele era nosso novo irmãozinho. Perguntei para machucar. A cara de papai atraiu todas as outras caras.

Ele fez que ia começar a explicar, mas acabou não explicando nada: “É, não é...”. Cosme enganchou naquela frase. A boca ficou em fresta, como se ele estivesse vendo pela primeira vez um besouro furta-cor.

5

Rua Enone Queirós, antiga avenida Suaçu, 47. O endereço da casa do meu tempo de garoto. Dois andares, quatro quartos, uma suíte, seis banheiros. Sala de estar e de jantar,

varandas, dependências de empregada. Quintal amplo, com piscina. Um abacateiro, uma palmeira (a palmeira era minha, o abacateiro, da Joana), arbustos variados, cerca viva, bichos indesejáveis, muitos insetos, de vez em quando um gambá. Vizinhança familiar, sem favelas próximas. Comércio farto, ônibus na porta.

Hoje em dia, fica a duas quadras de um dos maiores shoppings da Zona Norte e a uns quatro quarteirões do apartamento onde moro (2 qtos, 1 suíte). Depois de mais de trinta anos longe do Queím, voltei. Quero morrer aqui mesmo onde nasci. Todo mundo tem vontade de simetria.

O bairro foi quase todo derrubado. Na Enone, de velho mesmo, do tempo da fazenda Queím, só restou a fachada da antiga senzala, porque foi tombada pelo Patrimônio. E só a fachada: dentro virou um estacionamento. Aqui e ali sobem prédios de vidro no lugar dos sobradinhos caquéticos. As ruas foram asfaltadas e as esquinas, arejadas pela Light. Tudo encolheu.

Esta cidade sofre de uma febre que de tempos em tempos causa essas alucinações de belepóque. *Bota abaixo, vamos começar tudo de novo!* É o parasita modernizador, a malária de Miami, que antes foi malária de Paris. No delírio passado, arrancaram uma montanha da paisagem para enterrar um pedaço de mar, higienizaram tudo. No próximo, não duvido, vão higienizar de vez os cariocas.

Enfim.

A casa onde cresci pertence agora ao dono de uma famosa loja de materiais de construção. Valorizou muito. Se eu e a Joana não tivéssemos vendido quando mamãe morreu, eu estaria numa situação bem melhor. Mas, feito-feito, os parentes dos donos da fazenda que deu nome a este bairro devem pensar a mesma coisa: á!, se não tivéssemos picotado tudo em lotes e vendido para aquela gente miúda.

6

Mamãe passou o resto do dia trancada no quarto. A versão oficial pedia que a deixássemos em paz, ela precisava descansar: dor de cabeça, tonturas, efeitos do calor. Enquanto isso, papai improvisava o quartinho de empregada para o Cosme (Paulina não passava as noites): colchonete, lençóis, água, “E o que mais?”, roupas de papai-criança (que jamais caberiam em mim), gibis do Mickey. O garoto o seguia embasbacado, dizendo sim a tudo, e ambos eram perseguidos pela Joana, hiperbárica e prestativa. Eu espiava de longe, sentado na cadeira de balanço da sala, o cajado firme no chão para dar impulso. Sentia minhas sobrancelhas muito peludas, porque era assim que eu imaginava a raiva no rosto das pessoas.

A noite caiu rápido. Logo que o menino entrou no quarto e se fechou para dormir, todos se fecharam. Paulina foi embora

mais cedo, Maria Aína sumiu também. Os cachorros da rua desistiram de uivar. Nem ventava.

A madrugada se infiltrou calorenta pelas frestas das janelas e portas. O silêncio dos grilos tomou conta, disposto a só renunciar quando o sol retomasse o poder, mas as vozes de mamãe e papai se adiantaram e deram o golpe. As paredes mastigavam de boca fechada as palavras, mas eu sabia que aqueles eram sons de raivas e que os risos não eram risos de engraçado verdadeiro. Brigavam.

Às vezes, longos intervalos de paz e, depois da trégua, crescia de novo o sonzódio. Eu queria tanto chegar perto e ouvir melhor, mas o andar arrastado e o toque-toque do cajado me denunciariam. Fiquei no quarto. Murmúrios sufocados. De repente uma nota aberta: porta que bate! Outra: um desabafo disparava no ar, e sem resposta caía no silêncio. Grilos.

No meio da balbúrdia em surdina, Cosmim escapou. Abriu uma porta, pulou uma janela, tanto faz — a casa dormia toda destrancada. E, sem saber aonde ir, correu, com todos os seus músculos de gato-fossa. Esbarrões nos postes, tropeços nos paralelepípedos, suor. Depois de meia hora, as ruas se confundiram todas e ele se meteu num casarão comprido que não tinha mais portas e as janelas eram só os buracos. E lá dentro não tinha casa, era um matagal sem teto.

O céu começava a puxar o lilás.

O sol nos pegou de surpresa. Papai acordou cedo para levar leite para o menino e só foi encontrá-lo uma hora mais tarde.

Cosme tinha se escondido na antiga senzala, que já naquele tempo era fachada pura. Os negros do bairro, muitos deles parentes dos escravos da fazenda, tinham um compreensível pavorasco do prédio. Só visitavam acompanhados de Maria Aína, para falar e dançar com os santos pretos. As católicas nem isso. Hoje, a fachada permanece, mas o terreno virou estacionamento e todo mundo é evangélico. Se os santos ainda vivem lá, devem estar com os pulmões podres.

Burro garoto Cosme, mula. Quase posso ver: um metro e pouco, quarenta quilos de carne parda tremendo de suor na senzala baldia, com a certeza de que nunca o alcançariam. Foi o primeiro lugar em que, por instinto, papai o procurou.

7

Cosme não tentou mais fugir. Passou os dias seguintes amuado, sentado no seu quartinho, ganindo. Só saía quando alguém o chamava duas, três, cinco vezes. Não falava. Quando o alimentávamos, ficava arisco, arrastava os pratos pelo chão do quarto, comia com a mão e cuspiu, na afronta primitivinha dos moleques castigados. Nos dias em que mamãe não estava em casa, ele sentava à mesa conosco (papai fazia questão), mas se recusava a comer.

Mamãe viajou bastante naquelas férias. Foi o ano em que minha avó materna morreu, solitária e inconveniente. Vivia lá para os lados de Campos. Mamãe tinha muitos rancores dela e nenhuma irmã; foi obrigada a cuidar da doença e do enterro, que pelo menos foram breves. Papai era médico e precisava dar plantão quando o chamavam urgente. Então não era raro ficarmos sozinhos com a Paulina. Às vezes, Maria Aína aparecia para ajudar no almoço ou na vigia das crianças.

Não me deixavam ir brincar na rua. Um garoto aleijado não duraria muito nas mãos da molecada do Queím. Joana não podia sair porque era menina. Líamos, desenhávamos, a TV não tinha tanta graça como hoje.

Eu ainda não era esta hiena. Tinha um mundo inteiro para viver antes que acabasse. Gostava do Júlio Verne, do Henry Haggard, das voltas ao mundo e d'A *ilha do tesouro*. Ficava sonhando como devia ser a estrada para Minas Gerais (tinha ouro?

tinha escravos ainda, bois que pensam, árvores com espírito, rei-salomões?) e fazia planos de ser Deus para criar um planeta. Como é que se inventava o cheiro do café? As cores da pele? Diferentes civilizações?

Eu tinha algum amor pelos homens.

Hoje acho bobo.

8

Nunca vi nada mais agourento que Maria Aína cozinhando língua de boi. Um dia, quase na hora do almoço, um cheiro morno-azedo me atraiu para a cozinha. Lá estava a velha, bigode suado (uns fios brancos e grossos no buço). A panela de pressão fumegando, xique-xique, xique-xique. Ensinava à Paulina como despelar a carne, é preciso tirar o couro da língua primeiro. É preciso escaldar direito e decepar a raiz, mas mesmo assim não descasca fácil, não. “É de puxar com força”, ela disse, os dedinhos nodosos cavoucando, as lascas de couro grudadas no dorso das mãos molhadas.

Imaginei seus dedos puxando um pedacinho de pele queimada do meu ombro, o pedacinho viraria uma lasca e logo uma tira descendo pelas costas, fazendo brotar mil gotículas de sangue. Imaginei a risada escura da Paulina. Um calafrio me subiu tão forte que quase escorreguei e caí.

Maria Aína olhou para mim e sorriu. Deve ter notado minha cara de nojo, porque falou: “Quer ver, ossí menino, esse cheiro sabe o que é? Todas as palavras que o boi não sabe falar”. Paulina riu. (As unhas dela eram muito longas, cor de vinho como casco de barata.) Já estava grávida e nem devia saber.

Foi naquele dia. Quando o almoço estava na mesa, Paulina chamou a gente e o Cosme saiu sozinho do quarto, banho

tomado e camisa branca abotoada até o gogó. Sentou conosco, todo educadinho, e comeu a língua com batatas que Maria Aína tinha preparado, e a velha sorria e murmurava aprovando: “dejú Cosmin, dejú...”. E ele respondia — e perguntava como é que era, que time a gente era, se tinha batata frita, se isso, se aquilo, obrigados e por-favores.

Almocei mal. Nem encostei na carne. Pavor na boca do estômago. Suspeitava que a língua cozida do boi tinha algo a ver com a língua desatada do menino.

9

Ainda sinto na memória o cheiro de Maria Aína, o perfume do creme amarronzado que ela passava nos cabelos. Paulina também. Lembro do couro preto dos pés delas (parecia muito mais grosso que a minha pele). A ternura que às vezes tenho pelas duas, se inchar mais um pouco, vira mágoa. Pelo que sei, foram enterradas aqui mesmo no Queím. Os filhos devem estar espalhados de ambição pelo país. Não tem como saber onde foram parar, ninguém conhece o destininho de tanta gente. Devem ter virado horticultores, anotadores do bicho, bêbados de bar pequeno, com sorte técnicos em automação industrial.

O cemitério do bairro fica num barranco que se enchia de neblina nas manhãs frias. Hoje manhã fria nem existe mais no subúrbio. O planeta parece que vai se acabar em suor e enchente, é o que dizem. Se for verdade, o mundo começou a acabar primeiro no Queím, e já faz um tempo. Todo verão aqui tem dilúvio, queda de barranco, falta d'água e crise energética. Meu pai dizia que, nos invernos da infância dele, a água congelava nas torneiras de manhã. E dava para nadar no rio Carioca.

Por mim, tudo bem o fim do mundo. Eu em breve vou engrossar o caldo dos mortos. Sou jovem, estou nos cinquenta, mas meio século é o suficiente. Cosmim morreu aos dezesseis (quinze?), tenho o triplo de sua idade; para mim, chega.

Sabe quando você está gripado, quando a garganta inflama? Quando você fica com febre e cheio de catarro e banzo e os remédios de farmácia sem-receita não funcionam? Quando você suspeita que talvez seja mais do que um resfriado ou uma virose, talvez seja algo pior? Imagina viver a vida inteira assim, sempre dois ou três tons abaixo dos homens saudáveis, sempre suspeitando o pior. O pior, no meu caso, é bem pior do que o seu. Dois ou três tons abaixo.

E com você, claro, acaba que uma hora fica tudo bem. Só mais uns dias de repouso, mais umas doses de antibiótico.

Sempre achei que tinha vindo ao mundo não para estar nele, mas para ter estado, ter sido, ter feito. Nasci póstumo. Fui um natimorto nos braços de mamãe, enforcado pelo cordão umbilical, roxo, roxinho; o médico me reviveu com um sopro na boca. Meu primeiro beijo. Por pouco não me livrei do incômodo de ter nascido. Daí em diante, foi a teimosia do sangue o que me manteve vivo.

(Aliás, se esta espécie fosse depender da boa vontade de seus membros em continuar vivendo, estava no sal.)

Apesar dos desastres, tive uns prazeres. Minha perna, se não melhorou ao longo dos anos, não piorou a ponto de me entrevar, e aprendi a andar com uma única muleta, hoje bengala. Tive gripes, sofri dos ossos, aftas, azia, gastrite, fungos. Ainda não precisei usar óculos. Comum. Fiz cursos por correspondência e comprei livros, li muitas humanidades, mas fui só até o ensino médio. Trabalhei de bastante coisa, cortador de papel, revisor de jornal. Sempre gostei de desenhar, mas não segui a profissão. Tentei vida em São Paulo, voltei. No auge, tive uma loja de antiguidades.

des na famosa Galeria Cartago, em Copacabana. Passei o ponto e fui parar em Mesquita, onde vivi até minha mãe morrer. Com o dinheiro da herança, comprei este apartamento e outro no Cachambi, que está alugado (R\$ 1150 por mês + condomínio e encargos; o inquilino é um bancário). Ninguém vem me visitar.

Minha irmã tem três filhos (duas meninas) que mal sabem que eu existo.

Joana virou jornalista, trabalha numa revista e ganha bem, mas nunca quis contar nossa história. Tem mais o que fazer.

Ela se tornou uma daquelas loiras muito magras e altas que parecem barrigudas porque têm a postura côncava. Os filhos murcharam os peitos de adolescente e incharam as olheiras. Da última vez que a vi, há uns dois anos, parecia que tinha dormido numa banheira de alvejante. É velha daquela velhice úmida e flácida de quem gostou demais de ter sido jovem.

10

“Quantos anos você tem?”, Joana, trepada de ponta-cabeça num galho do abacateiro, que o Cosme tentava escalar e não conseguia:

“Quinze. Catorze...?”

Eu, aleijento ao pé da árvore, não podia ir embora:

“Como é que não sabe? Sua mãe não disse?”

“Sei não quem é minha mãe.”

Joana sorriu elástica:

“É teu pai?”

Tentei levantar sozinho, apoiando as costas no tronco e com o cajado de alavanca, não consegui. Cosme me ergueu de um puxão só, sem olhar para mim, como se fosse o de-sempre. Por um segundo achei que a pele ressequida de sol tinha se solta-

do inteira das minhas carnes. Foi a primeira vez que encostamos um no outro.

“Meu pai também n’conheço não.”

Até o dia em que papai foi buscá-lo, Cosme morava com uma velha branca numa casinha geminada em Barbacena. (Daí o sotaque amineirado.) Isso ele nos contou. Quando se entendeu por gente, ela já cuidava dele — o nome era Dora, Maria Doralina Trazim de Souza, mas ele sempre a chamou de “avó” e a vizinhança toda fazia o mesmo. A avó dizia que ele tinha sido deixado ainda bebezinho na ladeira da igreja da Boa Morte, e de mão solidária em mão solidária acabou chegando às dela, as únicas que não quiseram mais soltar. Não sabia quem eram os pais. Quando ele fazia malcriação, a avó dizia que o devolveria aos padres.

A única pista que deixaram foi uma fotografia, nas dobras da mantinha do bebê: trinta pessoas posando sobre os destroços de um avião caído. A imagem me impressionou, parecia que o peso das pessoas é que tinha derrubado o bimotor, que jazia com o nariz enterrado, cheio de gente nas asas e no lombo. Não sei onde foi parar a foto. Cosmim nos mostrou uma vez só. Acho que ele recortou a imagem de uma revista, para inventar qualquer coisa, e eu acreditei.

O fato é que um dia meu pai bateu à porta da casinha geminada, tomou um café com a vó Dora, deu uns tapinhas carinhosos no ombro de Cosme e o trouxe para o Queím. Daqui ele não saiu mais.

A única amizade que tenho é o Grumá, meu vizinho aqui do prédio. José Grumari dos Santos, outro desses que fez de

tudo na vida e nada. Vascaíno, cara de marujo. Pescoço grosso, maxilar hipopótamo, tronco e bronco. O rosto enrugado de sol, rabo de cavalo de praiano aposentado. A casa dele tem o cheiro daquelas pipocas doces industrializadas, que nem são pipocas, nem muito doces. É uns cinco anos mais velho que eu. Diz que nasceu em Ipanema, cresceu em Madureira.

Às vezes um porco morre acidentado no sítio da irmã dele. Cai na piscina vazia e precisa ser sacrificado, vira toicinho, lombinho, bisteca e vai parar na cozinha do Grumá. Aí ele me convida para ajudar a dar conta da carne. Limão na brasa, cerveja, cachaça e torresmo. No dia seguinte, meus intestinos ficam inflamados, nunca suportaram carne suína. Mas é só nessas ocasiões que eu encontro meu vizinho de porta, quando um porco morre acidentado em Nova Iguaçu.

Uma vez ele contou uma história de acidente aéreo que eu também ouvia quando garoto. Nos anos 1940, um avião se arrebentou lá para os lados de Pilares. A bordo estavam uma baronesa (às vezes italiana, às vezes espanhola e às vezes condessa), suas filhas e todo o ouro da família, que veio para o Brasil fugindo da guerra ocidental. Era madrugada de ventania, o aviãozinho vinha cacarecante de Santos, onde as mulheres tinham aportado num navio que muda de nome toda vez que contam a história. O pouco povo que vivia próximo ouviu o estrondo e viu de relance o relâmpago amarelo. Alguém acabou indo ver de perto. A avioneta estava com o bucho aberto, todo o ouro vazando, os cadáveres sangrando carbonizados por cima numa última tentativa de protegê-lo.

Homens e mulheres vararam a madrugada saqueando a fortuna. Moedinhas e baixelas e joias manchadas de sangue foram levadas e enterradas por toda a região, inclusive aqui no Queím. Enterradas porque não se podiam usar. Ouro maldito. “Quem é que comeria o arroz-feijão comprado com ouro sangrento?”

o Grumá me perguntou, mastigando arroz e farofa. “Ninguém. Então está tudo escondido na terra e ninguém sabe onde.”

“Mas então por que pegaram o ouro?”

“Quem não pegaria?”

Os corpos foram enterrados nas ladeiras, o avião, segundo contam, também. Em noites de vento, quando aparecem uns clarões amarelados nas montanhas, o Grumá diz que são as damas do ouro procurando o que lhes foi roubado.